

**RESPEITANDO AS DIFERENÇAS: A SALA DE RECURSOS
MULTIFUNCIONAIS COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS**

Ernesto Padovani Netto¹

UFPA/SEDUC-PA

ntpadovani@gmail.com

A efetivação da aprendizagem de alunos da chamada educação especial, tem se configurado como um desafio para a escola inclusiva, a qual tem recebido cada vez mais alunos especiais e por vezes tem demonstrado grande dificuldade em trabalhar conceitos típicos das disciplinas escolares com esse público que necessita de estratégias específicas para concretizarem o aprendizado. Desta forma, o trabalho dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) se configura como um elemento fundamental para que tais alunos possam dar conta das competências e habilidades presentes no currículo escolar.

No presente texto iremos tratar especificamente do trabalho com alunos surdos, das estratégias que temos desenvolvido para ensinar História para estudantes que estando em sala de aula, não ouvem o que está sendo ensinado, pouco apreendem da Língua Portuguesa, ainda que na modalidade escrita, e que padecem pela tradição da aula expositiva oral somada aos textos copiados na lousa. Este binômio tem ocasionado em larga medida, o baixo rendimento escolar de surdos matriculados na rede regular de ensino, o que tem gerado estigmas que vinculam a estes alunos a ideia de que os mesmos não aprendem, ou mesmo, não deveriam estar na escola regular por não dar conta das atividades que são propostas.

¹ Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA-2006). Concursado como docente da Secretaria Executiva de Estado de Educação (SEDUC), atuando, na modalidade Educação Especial do Estado do Pará no ensino de História para alunos surdos. É especialista em Educação especial com ênfase em inclusão pela Faculdade Ipiranga (2013), e Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), polo da UFPA, - Campus Ananindeua. Atualmente é doutorando em História Social da Amazônia pelo PPHIST – UFPA.

Neste sentido, apresentamos aqui uma possibilidade de material didático para alunos surdos, os quais podem ser utilizados pelos professores das salas regulares em parceria com os professores do AEE. Na experiência relatada neste texto, não foi possível tal parceria, sendo o referido texto didático utilizado apenas no espaço da Sala de Recursos Multifuncionais, lugar onde os alunos especiais são atendidos no contra turno em que estudam na sala regular.

A Sala de Recursos Multifuncionais onde a atividade explicitada neste trabalho ocorreu, é a da escola Luiz Nunes Direito (LND), e ocorreu entre os anos de 2015 e 2017.

A Escola Estadual Luiz Nunes Direito foi fundada em 1980 no bairro do Coqueiro, no conjunto habitacional Cidade Nova IV, na cidade de Ananindeua-Pará, município pertencente a região metropolitana de Belém, pelo então governador Tenente Coronel Alacid da Silva Nunes. A escola, que atualmente está inserida em um espaço considerado da chamada classe média, recebe alunos de várias comunidades adjacentes, como por exemplo: 40 horas, Icuí-Guajará, Icuí-Laranjeira e Paar². Ao longo dos anos esta instituição passou a absorver a maior parte dos educandos com necessidades educacionais especiais da região, sendo muito comum ouvirmos de membros da comunidade escolar que se trata de uma “escola de referência” em inclusão, sobre tudo em relação à alunos com surdez, tendo 19 surdos matriculados em 2015, 20 em 2016 e 28 no ano letivo de 2017.³ Sendo que a pesquisa teve como foco o turno da manhã, pois este concentrou 27 dos 28 surdos matriculados em 2017.

Com a efetivação da Sala de Recursos na escola LND no ano de 2015, os alunos passaram a frequentar as aulas nas turmas regulares no turno da manhã e o AEE no turno da tarde. A sala começou seu funcionamento com dois professores para atuar com os surdos, um com formação em História e um em Biologia, poucos meses depois, chegou mais um profissional com formação em Física, havendo também uma profissional pedagoga que atua com alunos com outras necessidades educacionais especiais. Em 2015, eram sete alunos (as) no Ensino Fundamental e 12 no Ensino Médio, em 2016, seis no Ensino Fundamental e 14 no Ensino Médio, e em 2017, 10 no Fundamental e 17 no Médio. A Sala de Recursos foi aberta em parceria com a Unidade Educacional

² Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico (PPP), da referida unidade escolar.

³ Dados obtidos na secretaria da escola.

Especializada Astério de Campos (UEES), instituição com foco em alunos surdos, a qual sou vinculado na estrutura da Secretaria Estadual de educação. Sendo assim, minha carga horária de trabalho passou a ser dividida, metade no Astério de campos, apenas como professor do AEE, e a outra metade no LND.

A Sala de Recursos do LND conta com três profissionais: Um professor de Física, que pela carência de mais professores, acaba ensinando também matemática. Uma professora de Biologia, a qual possui toda sua carga horária de trabalho na escola LND, e assim acaba atendendo demandas de várias disciplinas como Química, Educação Física e Artes, e eu, que atuo com as disciplinas da área das ciências humanas: História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Mas não é incomum, diante da ausência de professores de Inglês e Português, por exemplo, os professores que atuam na sala de recursos terem que colaborar na medida do possível no ensino também destas disciplinas. Devido ao fato de na UEES haver professores especialistas em todas as disciplinas, nesta, atuo apenas com o ensino de História, isto há sete anos, período em que acumulei algumas experiências, as quais levei para serem implementadas no AEE da escola LND.

Vale ressaltar que grande parte dos alunos matriculados no LND, já frequentavam o AEE no Astério de Campos e, portanto, já eram nossos conhecidos, além de que, mesmo com o funcionamento da Sala de Recursos mais próximo das residências deles, muitos surdos nunca deixaram de frequentar a UEES totalmente, basicamente por dois motivos: lá é mais que uma escola para eles, é um espaço da cultura surda, onde encontram amigos, se organizam para viagens, competições esportivas, festas comemorativas, etc., além de que, por vezes, a limitação do número de professores e de suas áreas de formação, faz com que muitos alunos ainda procurem a UEES para atendimento, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa, a qual não possui profissional com formação específica, atuando na sala de recursos do LND.

A Sala de recursos da escola LND possui um climatizador de ar que há dois anos está quebrado, sendo improvisado dois ventiladores fixados em cadeiras. Há uma estante para guardar os livros didáticos usados para pesquisas com os alunos, e os profissionais que atuam no espaço procuram fixar cartazes nas paredes da sala, estes são comumente utilizados durante as aulas, são mapas, tabela periódica, linha do tempo do pensamento

filosófico ocidental (com nome, imagens, ano de nascimento e morte e um breve resumo do pensamento de cada autor), dentre outros.

O espaço também possui uma lousa e carteiras para os alunos, além de uma mesa com carteiras que costuma ser usada na produção de atividades em grupo. Em alguns momentos, por iniciativa da direção da escola, dos pais e professores, a sala de recursos possuiu sinal de internet, o que em muito potencializa o trabalho pedagógico com os alunos, principalmente na busca rápida por imagens, porém, em meio a constantes dificuldades técnicas, atualmente os professores utilizam seus planos próprios de internet para as pesquisas em seus celulares, tablets ou notebooks.

Ao iniciar uma aula de História no AEE, costumo perguntar aos alunos qual foi o assunto trabalhado pelos professores na sala regular, a resposta normalmente vem com a procura dos temas através do que copiaram em seus cadernos ou fotografaram em seus celulares. Por opção dos professores do ensino regular, os livros didáticos não são utilizados nas aulas de História, os alunos os recebem e levam para casa, mas não fazem uso deles durante as aulas.

Ao entrevistar dois professores de História da escola LND⁴, os quais atuam no Ensino Médio, em turmas com surdos, fiz a seguinte pergunta a respeito do uso do livro didático: você utiliza o livro didático? Por que utiliza ou por que não utiliza? A Professora A nos respondeu da seguinte forma: “Para os alunos do Médio, não estou usando porque os conteúdos do livro não correspondem ainda aos da série que estão conforme, estão atrasados em alguns aspectos e isso me atrapalha”. Já o professor B nos forneceu a seguinte resposta:

O livro didático é indicado para ser utilizado em casa, para leitura e suporte da apresentação feita em sala, pois muitas vezes a explanação dedica-se a algum setor da sociedade estudada, economia, gênero, política, cultura, com o pouco tempo disponível é muito difícil conseguir trabalhar todos os setores sociais em sala de aula, optando por um ou dois e a complementação é feita em casa com a leitura do livro.

O que observamos nos anos em que atuamos na escola LND é que a professora A tem por hábito trabalhar determinados conteúdos em suas turmas de Ensino Médio, e por vezes os livros didáticos que chegam para a escola não seguem os conteúdos na mesma

⁴ Os identificaremos aqui como professora A e professor B.

sequência que a professora está acostumada a trabalhar, daí a afirmação de que “os conteúdos do livro não correspondem ainda aos da série que estão”, enquanto que o professor B não faz uso de nenhum tipo de material didático, ele ministra aulas de forma oral, durante sua explanação vai preenchendo o quadro com esquemas e informações, após isto os alunos são orientados a complementarem o aprendizado com a leitura do livro didático em casa.

O texto copiado da lousa ou os registros fotográficos, no caso dos alunos da professora A, e algumas anotações no caderno, no caso dos alunos do professor B, costumam ser o que os alunos apresentam ao se dirigirem à sala de recursos. Independente do assunto trabalhado, é raro os surdos chegarem ao AEE sabendo pelo menos o tema das aulas ministradas na sala regular, portanto, neste momento fazer com que o aluno reconheça elementos dentro do texto para trazê-lo para o entendimento das questões em debate passa a ser o próximo desafio. Para os alunos do professor B, buscamos fontes que possam dar suporte aos conteúdos por ele explicados em sala, tais como o livro didático,⁵ revistas especializadas em História e *sites* com conteúdo históricos na internet, para tanto, é necessário buscar palavras que eventualmente os alunos possam reconhecer e adentrar com imagens que o façam acessar na memória algo relacionado ao tema, fazendo uso do que o historiador Eduardo França Paiva chama de imagens de memória (PAIVA, 2006, p. 14).

Assim, tornou-se necessário a elaboração de um material didático específico, para o qual me aporço na chamada pedagogia visual para surdos,⁶ uma vez que buscamos enriquecê-lo com um conjunto de imagens elucidativas para os alunos. Utilizamos também o bilinguismo para nortear nossa prática pedagógica, trabalhando o texto em Língua Portuguesa na modalidade escrita e em Libras.




Vejamos alguns exemplos destas produções didáticas:

IMAGINÁRIO EUROPEU SOBRE O MAR

SLIDES	TEXTOS EXPLICATIVOS DOS SLIDES
---------------	---------------------------------------

⁵ No início do ano letivo, assim que os livros didáticos são distribuídos para os alunos, os professores do AEE procuram obter um exemplar de cada livro de todas as disciplinas das turmas em que hajam surdos estudando, estes livros ficam disponíveis para consulta na sala de recursos.

⁶ Ver a tese da professora Ana Regina e Souza Campello: “Pedagogia visual na educação de surdos-mudos”. (CAMPELLO, 2008).

 <p>Fig. 1: embarcação portuguesa. Fonte: site www.hirondino.com ⁷</p>	<p>Nos séculos 13 (XIII), 14 (XIV) e praticamente todo o 15 (XV), os européus, em especial os portugueses, não navegavam longe do continente, por isso, o mundo conhecido deles resumia-se apenas a Europa, o norte da África, o Oriente Médio e parte da Ásia.</p>
 <p>Fig. 2: mapa da Europa, norte da África e Ásia. Fonte: site www.orientemidia.org ⁸</p>	<p>Europa, norte da África, Oriente Médio e Ásia eram conhecidos pelos Portugueses. (Em amarelo no mapa).</p>
 <p>Fig. 3: Terra plana. Fonte: site www.observatorio.ufmg.br ⁹</p>	<p>Nesse tempo pensava-se que a Terra era plana e não redonda.</p>

⁷ Disponível em <<http://www.hirondino.com/historia-de-portugal/primeiras-navegacoes/>>. Acesso em 04 abr. 2017

⁸ Disponível em <<http://www.orientemidia.org/europa-colhe-o-que-plantou-no-orientemidio-e-norte-da-africa-o-pato-e-a-galinha/>>. Acesso em 04 abr. 2017.

⁹ Disponível em: <<http://www.observatorio.ufmg.br/pas55.htm>>. Acesso em 04 abr. 2017.

 <p>Fig. 4: embarcação caindo no precipício. Fonte: site www.desciclopedia.org¹⁰</p>	<p>Existia um grande medo de navegar para longe no mar e o navio cair para fora do mundo em um precipício.</p>
 <p>Fig.5: Monstros marinhos. Fonte: site www.historiaonlineceem.blogspot.com.br¹¹</p>	<p>Além disso pensava-se também que o mar era habitado por monstros marinhos.</p>
 <p>Fig.6: Planeta Terra. Fonte: site www.planeta-terra.info¹²</p>	<p>Atualmente sabemos que a Terra é redonda.</p>

¹⁰ Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Fim_do_Mundo>. Acesso em 04 abr. 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://historiaonlineceem.blogspot.com.br/2012/09/o-mar-tenebroso.html>>. Acesso em 04 abr. 2017.

¹² Disponível em: <<http://planeta-terra.info/>>. Acesso em 04 abr. 2017.

Ao mesmo tempo em que os alunos recebem este material didático, uma aula produzida através de *slides* com os mesmos textos e imagens é projetada no quadro da sala. O Tema da aula é “O imaginário europeu sobre o mar”, com o uso do pincel para quadro branco, passo a grifar e perguntar aos alunos se conhecem essas palavras. Inicialmente “imaginário”, em nenhum momento, nestes anos de atividade profissional com surdos, um aluno reconheceu esse termo, logo, é necessário criar um conceito a partir da Libras para os alunos, normalmente me reporto ao sinal de “pensar”, associado a uma expressão facial de divagação, e conto-lhes uma anedota para ilustrar a situação. Apresento como exemplo um aluno presente na aula, procuro escolher alguém que no trato social seja descontraído, e construo uma história, onde este aluno está apaixonado por alguém, logo, ele não para de pensar na pessoa amada. Não tem mais fome, e de noite em sua cama, mal consegue dormir, “imaginando” como seria bom poder passear e namorar a pessoa em questão. Esse modelo explicativo, costuma trazer um ambiente descontraído para a aula, a partir da chamada pedagogia da animação (MARCELINO *apud* KNAUSS, 2012, p. 33).¹³

Em seguida partimos para o termo “europeu”, este costuma ser mais conhecido pelos alunos no Ensino Médio, ainda que sempre hajam alunos que o desconheçam, nesse instante é importante o uso de mapas, na sala de recursos existem vários mapas fixados nas paredes para que possamos recorrer a eles nesses momentos, explicando que europeus são as pessoas que nascem no continente chamado Europa. Porém, algo comum ao explicar um conceito aos surdos, é o professor acabar fazendo uso de outro termo desconhecido para os alunos, sendo assim, ao tentar ensinar o que são europeus, foi utilizada a expressão “continente”, outro termo de pouca apropriação pelos alunos, e que mesmo sendo explicado algumas vezes, quando é necessário acessá-lo novamente, por vezes os surdos não recordam da palavra. Ao utilizarmos os mapas, os alunos demonstram conhecimento acerca do continente europeu, fazendo os sinais de vários países, de referências à elementos da dança, do futebol e de monumentos característicos desses países.

¹³ Ver também a obra da professora Ana Maria Monteiro: “Professores de História: entre saberes e práticas” (MONTEIRO, 2007).

A expressão “mar” é bem conhecida pelos alunos, mesmo os que não a reconhecem de imediato, ao vê-la sendo sinalizada pelo professor, rapidamente compreendem o termo.

É interessante observarmos que todo esse esforço visual e linguístico utilizado até o momento, foi apenas para que nossos alunos surdos pudessem saber do que trata esta aula, qual sua temática. Fica claro que o tempo do aluno surdo é outro tempo, pois em uma turma de Ensino Médio só com alunos ouvintes, é praticamente impensável que o professor precise criar um conceito de “imaginação”, “europeus” e “mar” para a turma.

O texto didático apresenta algumas palavras em negrito, estas são as que por hipótese, imagino que os alunos, ou parte deles, podem desconhecer. A dinâmica ocorre de forma semelhante ao que foi narrado acerca do título da aula, a cada palavra desconhecida, empreende-se um esforço para dar um conceito sobre aquele termo para os estudantes, sempre explorando as imagens como suporte, e utilizando o pincel para desenhar e escrever outras palavras que possam ser reconhecidas mais rapidamente pelos surdos. Após a conceituação dos termos desconhecidos, é interessante retomar a explicação em Libras desde o início, buscando fazer com que os alunos expressem o máximo possível do que conhecem acerca do que foi explicado, o que na maioria das vezes ocorre a partir de conhecimentos advindos de fora da escola, através de filmes, novelas, games, internet, etc.

Em relação ao medo das embarcações caírem em um precipício, podemos ser exemplificar a situação da seguinte forma:



Sinal de água

Fig. 7: fotografia. Acervo pessoal do autor



+ Curso do rio = sinal de rio

Fig. 8: fotografia. Acervo pessoal do autor



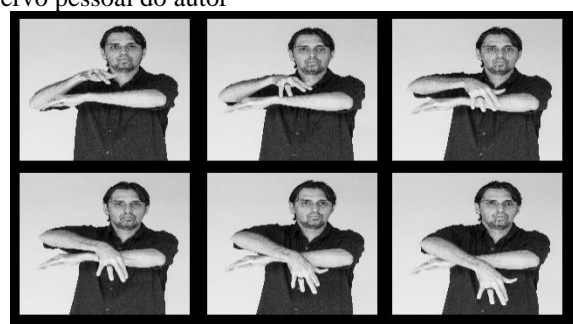
Sinal de água + movimento das ondas (~) = sinal de mar

Fig. 9: fotografia. Acervo pessoal do autor



Sinal de barco navegando

Fig. 10: fotografia. Acervo pessoal do autor



Cachoeira (precipício)

Fig. 11: fotografia. Acervo pessoal do autor



Indicação de profundidade

Fig. 12: fotografia. Acervo pessoal do autor




Barco caindo no precipício

Fig. 13: fotografia. Acervo pessoal do autor

A indicação de água somado com a sinalização do curso do rio, demarca a construção do sinal rio, podendo ser utilizado também o sinal de mar (sinal água + movimentos das ondas). Ao inserirmos o sinal da embarcação navegando (barco sofrendo os movimentos da maré), o aluno é capaz de visualizar a cena da embarcação navegando. Em seguida, podemos sinalizar a cachoeira. Ao explicarmos anteriormente que se trata de uma embarcação navegando, em um rio ou no mar, o classificador utilizado para a cachoeira ficará acessível para a compreensão do aluno surdo. Por fim, indicamos que se

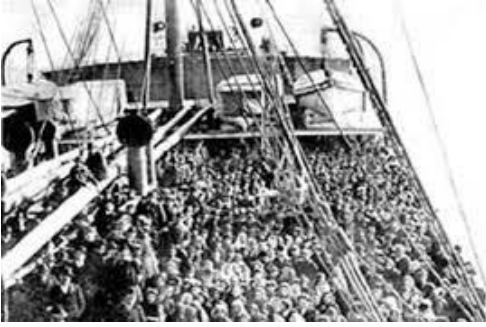
trata de um precipício, portanto, muito profundo e que a embarcação cairá. Desta forma, buscamos reconstruir em Libras a imagem apresentada no material didático.

A IMIGRAÇÃO E O TRABALHO NO BRASIL APÓS A LEI ÁUREA

 <p>FEIO 2018.</p>	<p>Em 1888 acaba oficialmente a escravidão no Brasil, com isso surge uma pergunta: Quem vai ser a nova base da mão-de-obra no país? As fazendas e as primeiras fábricas, que surgiram no Brasil no início do séc. 20 (XX), precisavam de trabalhadores. Muitos proprietários achavam os negros pessoas inferiores e por isso não os queriam nas indústrias, boa parte dos negros também não queria mais trabalhar nas fazendas onde sofreram por séculos, com isso intensificou-se o processo de imigração.</p>
<p>Fig. 14: desenho libertação dos escravos. Autor: Davi Salomão Feio</p>	

Imigrantes

 <p>Fig. 15: fotografia de imigrantes na colheita em fazenda de café, início do século XX. Fonte: site www.projetoimigrantes.com.br¹⁴</p>	<p>Também com objetivo de “melhorar” a “raça” no Brasil, foi incentivada a imigração de europeus para o país, pois pensava-se que um país formado por brancos era mais desenvolvido e civilizado. As elites não queriam que o Brasil fosse um país de negros.</p>
<h4>A Chegada dos Imigrantes</h4>	

 <p>Fig. 16: Embarcação com imigrantes.</p>	<p>Com uma vida difícil na Europa, devido à falta de trabalho, várias famílias resolveram tentar a vida no Brasil. Sem dinheiro, os fazendeiros e industriais brasileiros pagavam os custos da viagem e os imigrantes já chegavam ao país tendo dívidas com seus patrões.</p>
--	---

¹⁴ Disponível em: <<http://www.projetoimigrantes.com.br/int.php?dest=fotos>>. Acesso em 23 out. 2017.

Fonte: site www.mimosoinfoco.com.br¹⁵

O Trabalho Assalariado



Fig. 17: Charge. Autor: Davi Salomão Feio

Durante a escravidão, poucos trabalhadores recebiam **salários**, por isso, foi com a imigração que o Brasil passou a ter uma mão-de-obra assalariada mais consistente. Com o trabalhador tendo um salário, o **consumo** era estimulado e começou a formação de um mercado consumidor no país, o que exigia mais produção das indústrias. Os trabalhadores assalariados passaram por vários problemas, como: baixos salários, grande **jornada de trabalho**, falta de **leis** trabalhistas, etc.

O Movimento Operário



Fig.18: Passeata durante a greve de 1917.
Fonte: site www.wikipedia.org¹⁶



Fig.19: Jornal A Batalha.
Fonte: site www.jornalistaslivres.org¹⁷

Diante da **exploração** sofrida, os trabalhadores das fábricas no Brasil, **lutaram** por melhores condições de vida e trabalho e sob influência do **Anarquismo** e do **Socialismo**, fundaram **sindicatos** que organizaram **greves** contra os ricos proprietários.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.mimosoinfoco.com.br/historia-de-mimoso/os-imigrantes-italianos-a-nossa-gente-por-renato-pires-mofati/>>. Acesso em 05 abr. 2017.

¹⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Greve_geral_no_Brasil_em_1917>. Acesso em 05 abr. 2017.

¹⁷ Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/2017/04/greve-de-1917-foi-sangrenta-e-vitoriosa/>>. Acesso em 05 abr. 2017.

Fora da Fábrica



Fig. 20: Cortiço.

Fonte: site www.oridesmjrblogspot.com.br¹⁸

Os trabalhadores tinham várias dificuldades em suas vidas fora do trabalho: moravam em **cortiços** com problemas de falta de água, **esgoto**, luz, etc. com o tempo foram criadas **vilas** operárias que melhoraram as **moradias** de alguns poucos trabalhadores, mas também ajudaram os patrões a controlá-los.

Em geral, os trabalhadores buscavam formas **baratas** de **divertimento**, como as **brigas de galo** e os imigrantes tentavam manter a cultura de seus países de origem, com músicas, festas, danças, etc.

Outra questão fundamental que podemos abstrair deste material, é a característica dos surdos de pautarem sua aprendizagem em elementos concretos, havendo dificuldade para estes alunos compreenderem que palavras iguais em contextos diferentes, podem assumir significações diferentes. Como por exemplo, na frase: “O governo brasileiro teve **papel** importante para incentivar a vinda de imigrantes”, ao lerem a palavra **papel**, de imediato os surdos tendem a fazer o sinal **papel**, no caso, de caderno. Não há um sinal específico para a ideia de **papel** no sentido de um determinado agente que se posicionou de determinada forma, assim, é preciso explicar aos alunos que apesar da palavra ser a mesma, ela assume sentidos diferentes de acordo com o contexto da frase.

Esta mesma situação pode ser observada na frase: “Em geral, os trabalhadores buscavam formas **baratas** de divertimento”, é provável que alguns alunos, ao lerem a expressão **baratas**, façam o sinal do inseto.

Situações semelhantes a estas descritas acima ocorrem constantemente na prática de ensinar surdos. Para melhor ilustrar esta questão, podemos citar uma experiência ocorrida em 2015, em uma atividade de Sociologia, que tratava do tema mobilidade urbana. Em uma aula no AEE para uma aluna, a qual identificaremos aqui como Clara, que à época cursava o terceiro ano do Ensino Médio, utilizei a expressão “andar de

¹⁸ Disponível em: <<http://oridesmjrblogspot.com.br/2011/07/vida-nos-cortic-os-difcil-cotidiano.html>>. Acesso em 05 abr. 2017.

ônibus”, eu explicava que diferentes grupos da sociedade, normalmente, utilizavam diferentes formas de transportes urbanos, para isso exemplifiquei escrevendo no quadro que a maioria da classe trabalhadora “andava de ônibus”. O que ensinei não fez sentido para Clara em um primeiro momento, a aluna demonstrou incompreensão e me perguntou como era possível andar de ônibus. Logo, Clara utilizou os dedos indicador e médio para simular uma pessoa andando, e me disse que não entendia a relação daquilo com o ônibus. Expliquei para ela que na cultura ouvinte usamos a expressão “andar de” para meios de transporte, como andar de bicicleta, de moto, de avião, etc.

Os surdos buscam estratégias para melhor apreender a Língua Portuguesa, mas o que percebemos é que ainda se trata de um enorme desafio. Certa vez, observamos uma aluna surda achar estranhíssimo o nome de uma professora. A profissional se chama Socorro, e a aluna havia desenvolvido a estratégia de que nomes próprios terminados com a letra “a” eram femininos, enquanto que os terminados com a letra “o” eram masculinos, logo a inquietação, como uma mulher poderia se chamar Socorro?

Há pouca produção sistematizando essas características de aprendizagem dos surdos, principalmente em relação à História, por isso, grande parte destas reflexões se deram a partir da prática, de inúmeras experiências, tentativas e reformulações. Podemos citar aqui, como mais um exemplo da relação do surdo com a Língua Portuguesa, uma situação onde eu estava explicando o Tratado de Tordesilhas em uma aula do Vestibulibras (cursinho vestibular para alunos surdos), no ano de 2012, ano em que passei a atuar na educação de surdos.

Naquele momento, como é comum com professores recém chegados para atuarem no ensino de surdos, eu ainda não era fluente em Libras, a maioria dos professores, ainda que cheguem com algum curso, tornam-se fluentes a partir do convívio com a comunidade surda, no quadro havia a expressão “linha imaginária”, a minha hipótese era que os alunos talvez não conhecessem o termo “imaginária”, porém, fui rapidamente surpreendido ao observar vários alunos, ao lerem o que estava escrito no quadro, fazerem o sinal de linha de costurar (aquele movimento típico de quem está costurando com agulha, linha e tecido, utilizando as mãos). A situação vivida naquele momento me abriu um leque imenso de reflexões, pude entender que meu único problema não era a Língua de Sinais, como até então eu imaginara, mas também o enorme desafio de construir

conceitos básicos para viabilizar a elaboração de um saber histórico em situação escolar com alunos surdos.

Referências

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia visual na educação de surdos-mudos*. Tese de Doutorado: UFSC. Florianópolis, 2008.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: *Repensando o ensino de História*. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2. Ed; São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, A. M. F.C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. 2ª ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Sites

<<http://www.hirondino.com/historia-de-portugal/primeiras-navegacoes/>>. Acesso em 04 abr. 2017

<<http://www.orientemidia.org/europa-colhe-o-que-plantou-no-orient-medio-e-norte-da-africa-o-pato-e-a-galinha/>>. Acesso em 04 abr. 2017.

<<http://www.observatorio.ufmg.br/pas55.htm>>. Acesso em 04 abr. 2017.

<http://desciclopedia.org/wiki/Fim_do_Mundo>. Acesso em 04 abr. 2017.

<<http://historiaonlineceem.blogspot.com.br/2012/09/o-mar-tenebroso.html>>. Acesso em 04 abr. 2017.

<<http://planeta-terra.info/>>. Acesso em 04 abr. 2017.

<<http://www.pragentemiuda.org/2011/05/poesias-sobre-escravidao.html>>. Acesso em 05 abr. 2017.

<<http://www.projetoimigrantes.com.br/int.php?dest=fotos>>. Acesso em 23 out. 2017.

<<http://www.mimosoinfoco.com.br/historia-de-mimoso/os-imigrantes-italianos-a-nossa-gente-por-renato-pires-mofati/>>. Acesso em 05 abr. 2017.

<<https://consuelodetontos.wordpress.com/>>. Acesso em 05 abr. 2017.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Greve_geral_no_Brasil_em_1917>. Acesso em 05 abr. 2017.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

<<https://jornalistaslivres.org/2017/04/greve-de-1917-foi-sangrenta-e-vitoriosa/>>. Acesso em 05 abr. 2017.

<<http://oridesmjr.blogspot.com.br/2011/07/vida-nos-corticos-o-difícil-cotidiano.html>>. Acesso em 05 abr. 2017.